

TOCCATI DALL 'INVISIBILE<sup>1</sup>

*Joseph Ratzinger (Bento XVI)*

---

Joseph Ratzinger é autor de uma extensa obra ainda em andamento. Ele a iniciou antes do Vaticano II, quando lecionava teologia na Alemanha. Deu-lhe continuidade na condição de perito conciliar e, posteriormente, na direção de um dos órgãos de maior importância no governo central da Igreja: a Congregação para a Doutrina da Fé. Prossegue-a no presente, agora na condição de bispo de Roma e detentor do primado petrino. Neste caso faz-se necessário distinguir entre a reflexão do teólogo e o ensino oficial do papa em seus diferentes graus de autoridade. Confirma-o o próprio Joseph Ratzinger (Bento XVI) no prefácio de *Jesus de Nazaré*, seu mais recente livro: “Não preciso certamente dizer que este livro não é de modo algum um ato de magistério, mas unicamente expressão da minha procura pessoal ‘do rosto do Senhor’ (cf. Sl 27,8). Por isso, cada um está livre para me contradizer”<sup>2</sup>. E não tem faltado quem o faça<sup>3</sup>.

O livro que inspira essas notas de leitura é, na verdade, uma antologia de textos extraídos da obra de J. Ratzinger, distribuídos em forma de pequenas meditações, uma para cada dia do ano, mês a mês. Cada mês recebe um título que sintetiza o conjunto. Vale a pena passar em revista esses títulos devido à força de sua significação: janeiro: Em todo início estão presentes fascínio e fé; fevereiro: Em caminho para o que somos e para o que tendemos; março: Com os olhos do coração à procura de verdade e amor; abril: Reencontrar traços de vida pascal em um mundo mundano; maio: A grande esperança do pequeno

---

<sup>1</sup> J. Ratzinger, *Toccati dall 'invisible*, Queriniana, Brescia, 2006

<sup>2</sup> J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré. Primeira parte: Do batismo no Jordão à transfiguração*, tradução de José Jacinto Ferreira de Farias, Planeta do Brasil, São Paulo, 2007, 19

<sup>3</sup> Cf. P. Gilbert, Critique, méthodologie et histoire dans l'approche de Jésus. Sur J. Ratzinger/Benoît XVI, *Jésus de Nazareth, Recherches de Science Religieuse*, 96/2, 2008, 219-240

grão de mostarda – símbolo do desejo do homem; junho: Oportunidades e desafios do tempo em que vivemos; julho: Certezas e inseguranças da fé no nosso tempo; agosto: Sentir totalmente no viver – arriscar totalmente no crer; setembro: Traços eclesiais de sentido em tempos de dificuldade e de mudança; outubro: Espaços e tempos da profunda dimensão espiritual da vida; novembro: Portas da esperança entre céu e terra; dezembro: O nascimento da luz na obscuridade do simplesmente humano.

Os temas meditados formam um vasto horizonte onde deparamos questões que dizem respeito à fé cristã, à Igreja, à criação, à condição humana, à história. Dentre essas questões, algumas entram em assuntos de elevada consideração: o amor, a paz, a beleza, a solidão, o perdão, o sentido, a felicidade, a liberdade de consciência, o materialismo moderno e o marxismo; outras parecem próximas de assuntos banais: o carnaval e o jejum quaresmal, o jogo e o futebol; numerosas são as que se referem ao mistério cristão: a fé, o batismo de crianças, a criação, o pecado original, o cristianismo no mundo moderno, o papado, o ser cristão, o mistério pascal, a racionalidade da fé, o Pai Nosso, a essência da Igreja, a reforma da Igreja, morte e escatologia, o mistério da encarnação. Por esses numerosos exemplos pode-se ver que a obra de Ratzinger, embora de marca especulativa, liga-se à realidade mundana e eclesial.

## 1. CRER SITUADOS EM UM CONTEXTO DE DIÁSPORA

*A tarefa de crer, mediante livre escolha e em plena liberdade, dando um testemunho que vai contra um mundo exausto, implica também novas esperanças e possibilidades de expressão cristã. Justamente uma época de cristianismo quantitativamente reduzido pode suscitar uma nova vitalidade de um cristianismo consciente. Diante de nós surge um novo tipo de época cristã. Não ouse profetizar se isso advirá lenta ou rapidamente (14/1, p. 24).*

Décadas atrás ouvi de uma monja beneditina o que considero uma profecia. Dizia ela que estávamos a caminho de uma Igreja de diáspora, ou seja, uma Igreja minoritária dispersa em meio a populações desligadas de quaisquer laços com o cristianismo. Tal situação avança nos países da antiga cristandade e começa a concretizar-se também entre nós. Já existem regiões no Brasil em que os católicos são minoria. A Igreja reage a essa sangria quantitativa, contudo a questão do número de católicos não deve ser superestimada. Por outro lado, a mística da diáspora não pode relegar ao esquecimento as massas que bem ou mal conservam alguma ligação com a Igreja. Ela precisa levá-las em conta

com toda a caridade pastoral educando-as, porém, a fim de que passem de um cristianismo predominantemente cultural e sociológico para um cristianismo de convicção. O que não significa uma Igreja de perfeitos, e sim de fiéis em Cristo conscientes de estar no Caminho e empenhados em prosseguir malgrado a fragilidade humana. Certamente nesse processo de educação na fé muitos desistirão. Fatores diversos provocarão outras desistências. Seja como for, a redução do número de católicos a uma minoria consciente das “razões de sua esperança”, inserida dentro de uma sociedade pluralista e secular representará para a Igreja uma nova etapa no cumprimento da missão evangelizadora.

## 2. DOIS CAMINHOS PARA A RENOVAÇÃO CRISTÃ

*O que deve concretamente acontecer no renovamento cristão depende da pergunta: o que é propriamente cristão?, e não da pergunta: o que exigem os tempos modernos?... a verdadeira reforma é aquela que se esforça por descobrir o que é verdadeiramente cristão e se deixa provocar e plasmar por ele; a falsa reforma é aquela que corre atrás do ser humano, em vez de guiá-lo, e assim transforma o cristianismo em um negócio à beira da falência a gritar para conseguir uma clientela (6/4, p. 116).*

A Igreja opôs-se ao mundo moderno, assumindo muitas vezes uma postura reacionária. O Vaticano II oficializou a mudança que vinha sendo preparada e fez a passagem “do anátema ao diálogo” com a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Mais tarde esse documento veio a ser criticado por seu excessivo otimismo. Dizia-se que ele enxergava o mundo moderno que dera certo e não via com tanta lucidez o outro lado da moeda: os países pobres cuja exploração possibilitara o progresso e a riqueza dos países ricos. O aparecimento de crises e problemas mostra que o mundo moderno não é a maravilha decantada por tantos, embora contenha autênticos avanços e realize uma nova época na história.

A mudança de atitude por parte da Igreja pode conduzir à troca de um erro por outro com a passagem da defesa reacionária do passado à adaptação ingênua aos tempos modernos. Se agir desta maneira, acabará cooptada pelo que há de pior na modernidade. Um outro erro seria o ingresso no mercado religioso, tornando-se uma competidora a mais para mostrar que ainda tem clientes. Para cumprir sua missão no presente, não resta à Igreja senão voltar a Jesus Cristo e deixar-se moldar por ele que é o “princípio (principium/arché): o poder de um início que continua o poder diretivo em todo o processo” (Tillich). Na fidelidade ao Senhor, a Igreja pode vir a ser acusada de subversão ou ridicularizada como

retrógrada por aqueles cujos interesses se opõem aos interesses do evangelho. Não é o que vem fazendo, por exemplo, grande parte da mídia?

### 3. JESUS CRISTO, UMA PRESENÇA REAL SOB DIVERSAS FORMAS

*Devemos compreender que, além da presença real de Jesus na igreja, no sacramento, existe uma segunda presença real de Jesus nos mais humildes, nos oprimidos deste mundo, nos últimos: nesses ele quer ser reconhecido por nós (20/4, p. 130).*

A relação da Igreja com o Cristo não se limita à ordem histórica. É certo que suas origens remontam a Jesus de Nazaré e a sua atividade terrena. Daí poder-se falar em uma fundação da Igreja por Jesus. O elemento decisivo, no entanto, acha-se na realização presente dessa relação. Jesus Cristo não é apenas alguém que há mais de vinte séculos deu início a um movimento religioso. Ele é uma presença real no Espírito e é isto que em última instância garante a Igreja.

A presença real do Senhor se realiza de diversas maneiras, adquirindo sua maior densidade na eucaristia, onde o Ressuscitado em pessoa se dá como alimento e bebida sob as espécies do pão e do vinho consagrados. É necessário, porém, não isolar a presença real eucarística das outras formas de presença real e também não absolutizá-la como se valesse por si mesma. A presença real eucarística se dá em vista da edificação da Igreja e da cristificação do fiel.

No texto acima, Ratzinger desperta-nos para uma forma de presença real do Senhor da qual muitos cristãos não têm consciência: a presença real de Jesus nos humildes, nos oprimidos, nos últimos dentre os seres humanos. Ora, a história registra a existência de um culto eucarístico grandioso no mesmo contexto em que se praticava o mais grave desrespeito ao ser humano. É só lembrar as procissões de Corpo de Deus e a escravidão no período colonial. A fé na presença real eucarística deve ser enriquecida com a fé nas outras formas de presença real do Senhor, acompanhada das conseqüências concretas desse enriquecimento. A reta doutrina (ortodoxia) desemboca necessariamente na reta prática (ortopraxia). Afinal de contas, o cristianismo não é uma doutrina religiosa, e sim um Caminho de vida, Caminho que possui nome próprio: Jesus Cristo (cf. Jo 14,6). Nos primeiros tempos, o cristianismo, ou seja, os ensinamentos, o modo de viver e a comunidade dos discípulos de Jesus, era chamado “o Caminho” (cf. At 9,2). Escreve Ratzinger mais adiante: “A dimensão social da eucaristia não vem acrescentada de fora, mas é o espaço sem o qual a eucaristia não se pode verdadeiramente constituir” (28/5, p. 170).

#### 4. DEUS, UMA PRESENÇA NO ESCONDIMENTO

*Na realidade, Deus continua ainda agora a atravessar no escondimento a história e a ocultar sua potência sob as vestes da impotência (13,10, p. 321).*

Este pensamento de Ratzinger faz lembrar Lutero em sua teologia da cruz. Deus revela-se aos homens, mas sua revelação “dirige-se ao crer, não ao ver”. Mais ainda, a revelação divina acontece “sub contraria specie”: a força divina revela-se na fraqueza; a potência, na impotência. Tudo isso, porém, se orienta para a vitória de Deus já acontecida na páscoa de Jesus. Transpondo esse enfoque para o plano da história, Deus se acha presente e ativo no trágico presente da humanidade e se revela não como Senhor da história a triunfar sobre os inimigos, e sim oculto em meio àqueles que estão por baixo para firmá-los na esperança e na luta, mesmo sentindo o amargo sabor da derrota. A história não “é um carro alegre cheio de um povo contente” ou pelo menos não é esse o aspecto nela predominante. cremos, no entanto, em um sentido que a fundamenta, sustenta e um dia revelar-se-á de modo definitivo. Essa revelação definitiva já se antecipou na morte/ressurreição de Jesus Cristo. Por isso, o cristão será sempre um inquieto e nunca um desesperado. É assim que os cristãos participam da luta contra o que aí está e em favor de um outro projeto de vida para a humanidade expresso no slogan “Um outro mundo é possível”.

Em qualquer antologia se encontra sempre um quê de arbitrário e subjetivo. Dificilmente dois organizadores escolheriam os mesmos textos. Mesmo assim os textos reunidos na obra em questão constituem uma segura introdução à teologia e à espiritualidade de Joseph Ratzinger (Bento XVI). Como qualquer outra teologia e qualquer outra espiritualidade, elas contêm limitações, furos e aspectos dos quais discordamos. O essencial, porém, é a partilha de uma experiência de fé em Jesus Cristo vivida, rezada e refletida no contexto da Igreja e do mundo hodiernos. E que não deixa de enriquecer mesmo aqueles que não concordam inteiramente com essa perspectiva de compreensão da fé e com a forma de discipulado sugerida por ela.

*Antonio Alves de Melo*

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália  
E-mail: [antomelo2006@uol.com.br](mailto:antomelo2006@uol.com.br)